Suicídio e passagem ao ato

François Morel

Christophe divide sua vida em três períodos aos quais dá três nomes: a peste, a cólera, e o câncer. Esses nomes designam, de fato, seu Outro, nome dado por Lacan ao "inconsciente estruturado como uma linguagem". Esse Outro foi, a princípio, "o simbólico", isto é, um conjunto ou bateria de significantes cuja função era representar o sujeito, definido, portanto, como o significado dos significantes que o representam. Um significante-chave, o Nome-do-Pai, assume nessa teoria valor particular para o sujeito porque indexa o Outro como o lugar da lei simbólica que governa suas relações com o mundo. Em um segundo tempo, Lacan reavaliou o lugar do Outro para levar em conta certos fatos clínicos. O lugar do Outro, então, deixou de ser apenas o lugar das trocas simbólicas, da palavra plena, da intenção de significação, para designar também uma função de gozo do inconsciente. Essa correção trazida por Lacan ao conceito do Outro se justifica particularmente em um caso como o de Christophe: o Outro com o qual ele deve se haver não tem verdadeiramente relação com um Outro simbólico pacificado pelo Nome-do-Pai.

a peste

A peste encontrava sua encarnação no pai e no irmão mais velho de Christophe, braço direito deste. Aos três anos, em 1931, Christophe berrou "Não!", em resposta a esse homem "de olhos duros e malvados" que lhe apresentaram como seu pai, ao chegar com sua mãe da Polônia. Seguiu-se uma infância em que Christophe se tornou a vítima privilegiada desse homem. Em sua vila, ele tinha o hábito de sair correndo aos berros de sua casa, cena sobre a qual os vizinhos comentavam: "Nossa! Alguém está degolando um porquinho!". Assim, expunha-se às punições desse homem, sentindo-se sempre "inocente" das besteiras de que havia participado. Dizia que a ascendência do outro sobre ele, sobretudo de seu irmão mais velho, era tal que ele não podia escapar. Por exemplo, após, instigado por outro menino, ter roubado maçãs, seu pai o obrigou a comparecer ao tribunal, que ficava a uma grande distância, em uma bicicleta

cujos pneus haviam sido substituídos por uma mangueira de regar plantas. Christophe insiste nas dores que lhe provocaram essa punição desumana.

Suas primeiras lembranças quanto à sexualidade se referem às maquinações de seu irmão mais velho com as meninas: no chiqueiro, vira seu irmão mais velho se entregar às carícias dessas meninas. Quando estava com 11 anos de idade, esse irmão tentou violá-lo: Christophe contraiu suas nádegas e ele não pôde penetrá-lo, retendo, contudo, a lembrança do esperma entre suas coxas.

Aos 14 anos, há um acidente na mina onde seu pai o obrigava a trabalhar que lhe imobiliza a perna. Escapa sem ferimentos, mas acredita que vá morrer e se recusa a retornar ao trabalho. Depois, para a grande felicidade de sua mãe – considerada por ele uma santa e cujo voto mais caro era que ele se tornasse padre –, inscreve-se no Pequeno Seminário e abandona o convívio com a família.

Dos 14 aos 17 anos, esmera-se nos estudos, rivalizando na penitência e na expiação dos pecados com seus colegas, ao colocar, por exemplo, pequenas pedras em seus sapatos. A Guerra eclode e os alemães obrigam os estudantes do Pequeno Seminário a trabalhar para consertar as estradas de ferro de um complexo ferroviário próximo a essa instituição. Tratava-se de um trabalho perigoso, freqüentemente exposto à possível explosão de bombas. Os alemães, ao descobrir sua origem polonesa, maltratam-no terrivelmente, e ele não pode mais trabalhar. Os padres decidem, então, escondê-lo no sótão, fazendo-o partir pouco depois. Sua memória dessa época se afetou bastante por causa de traumatismos cranianos; a única lembrança que guarda é a de salsichas e presuntos dependurados nas vigas desse sótão.

Quase no fim da Guerra, Christophe retorna à casa dos pais, que moravam no Sul. Segundo ele, sua mãe não o reconhece imediatamente. Segue-se um período vago de aproximadamente um ano marcado pela amnésia, no qual ele recebe alguns cuidados, sem saber precisar que cuidados eram. Retoma suas forças e conhece uma jovem de 15 anos, da qual fica noivo antes de partir para o serviço militar na Argélia. Pouco tempo antes, uma cena o marca: a violação de sua mãe por seu pai, da qual foi testemunha porque dormia no quarto deles. Retém na memória as súplicas de sua mãe – "Não! Você está me machucando!" – e o sexo de seu pai penetrando-a. Paralisado pelo terror, fecha as pálpebras durante toda a noite.

O serviço militar é marcado por uma cena de bordel, de onde foge, aterrorizado, assim que uma prostituta se mostra

nua diante dele. De volta ao Sul da França, descobre que o irmão o trai com sua noiva, casando-se com ela. Desespera-se e só renuncia a entrar para a Legião Estrangeira por causa das súplicas de sua mãe.

Torna-se celibatário, mantendo-se virgem durante dez anos. Durante esse período, todo seu salário é confiscado por seu pai, descrito por ele como alguém cada vez mais horrível e obsceno: ele chegaria a fazer com que as duas jovens irmãs de Christophe fossem violadas por velhos e por soldados americanos. Mas o poder desse pai-peste que governava seu mundo declina à medida que sua silicose progride. A articulação de um mundo regido por esse Outro gozador se impõe, então, sob os auspícios de um casamento fomentado pelo poder da sogra.

a cólera

A cólera é o nome que Christophe dá ao segundo período de sua vida, o mais longo e que dura cerca de trinta anos. Cólera designa sua sogra, personagem central desse período. É descrita, tal como seu pai, como alguém implacável, a quem se submete totalmente, pois ela intervém e legisla sobre todos os momentos de sua vida conjugal, tornando-a um grande pesadelo. E ele, da mesma forma que na relação com seu pai, atende a suas exigências.

Devido a inúmeros fenômenos psicossomáticos, a vida sexual de Christophe com sua mulher é freqüentemente interrompida. Mesmo assim, têm duas filhas, das quais ele cuida "como uma mãe", chegando a "sentir as dores do parto no lugar de sua mulher". Os fenômenos psicossomáticos que permanecem enigmáticos por muito tempo são vômitos e diarréia profusa imediatamente após as refeições. Talvez isso também seja, em parte, o motivo da denominação que ele dá a esse período de sua vida, uma vez que esses males o levaram a inúmeras consultas, a hospitalizações e inclusive a um tratamento por insulina. O diagnóstico de uma alergia alimentar muito específica é feito apenas ao cabo de vinte anos, quando então pode passar a controlá-la um pouco, ao parar de comer alimentos à base de farinha.

Permanece, contudo, muito assíduo e mesmo empenhado em seu trabalho; é reconhecido e se faz notar e amar por todos em razão de seu desprendimento e de sua disponibilidade. É reprovado no concurso para chefe de estação, para o qual se preparara com muitas anfetaminas, mas se torna, enfim, instrutor na Companhia Nacional de Trens, após ter, naturalmente e durante muito tempo, trabalhado nos complexos ferroviários mais difíceis da região.

Nesse clima, sua aposentadoria poderia ter sido dourada, se sua sogra, ao envelhecer, não se tornasse, cada vez mais, não só desagradável, como também exigente, perturbando ininterruptamente todas as possibilidades do prazer familiar pacífico ao qual ele parecia aspirar desde seu casamento. Ela chega a se mudar para a casa de vila que ele comprara para sua aposentadoria, e provoca o agravamento do alcoolismo de sua esposa. Logo após chegar, uma de suas primeiras medidas é proibir as relações sexuais do casal e impedir que Christophe durma com sua filha, sob o pretexto de que esta acabara de entrar na menopausa. Após isso, e ao longo de seus primeiros meses de aposentadoria, um pensamento o assalta: "Não, eu não vou violar", tratando-o pelo "método Coué", um método de auto-sugestão que consiste em dizer para si mesmo: "Bem, muito bem, tudo está muito bem".

Graças à diminuição progressiva da masturbação, chega a renunciar a vida sexual em alguns meses. Volta-se para a natureza, para a pesca, e dá inúmeros presentes às pessoas idosas que habitam a vila onde mora, sobretudo mulheres, que lhe devotam uma total afeição, mesmo após o acontecimento relatado adiante. Ele oferece também seus conhecimentos, seu tempo, sua disponibilidade e sua gentileza a inúmeras crianças que representam "tudo" para ele, "a própria vida". Como goza de uma confiança crescente no seio da vila, pode se ocupar delas.

A saúde da sogra piora rapidamente e, ao mesmo tempo, a questão da paternidade é posta brutalmente em dúvida em razão do suicídio de um de seus sobrinhos, o filho de uma de suas irmãs; um suicídio programado e anunciado ao pai em uma quinta-feira: "Papai, você vai ver, domingo haverá uma surpresa para você no meu quarto". Lamenta-se com as velhas senhoras que recebiam regularmente suas confidências de "estar morto e arruinado", e passa por uma depressão absolutamente intensa.

Passados alguns dias após a morte de sua sogra, Christophe joga palavras cruzadas com sua mulher e uma menina que costumava ver. Essa menina coloca sobre o tabuleiro do jogo a palavra "caralho", que toma para Christophe o valor de uma ordem endereçada a ele. Segue-se reiteradamente, durante dois meses, um jogo sexual com essa menina pré-púbere e, depois, com sua irmã. O método Coué o faz evitar a violação com penetração vaginal: "Não!", ele resiste, falando para a mais velha das meninas: "Peça-me o que você quiser, mas não violarei você nem com o dedo, nem com o sexo!". Isso não o impede, infelizmente, de fazer com que menina mais nova pratique com

ele uma felação, pois essa possibilidade não estava inscrita na rubrica "proibido" pelo método Coué.

Tudo isso acontece no contexto de um diálogo "platônico", em que o desejo de conhecimento sexual lhe parecia emanar das meninas. Ele, como que hipnotizado pelo Outro, diz não ter podido resistir, a ponto de lhe parecer ter sempre sido o escravo das duas meninas – caso clássico para a psicanálise, mas extremamente difícil, e mesmo impossível, de se ouvir em um tribunal, algo de que ele próprio tem consciência. Apesar de nossas observações, não consegue encarar as coisas de outra forma: nenhum termo de sua narrativa pode ser modificado, não admite nenhuma interpretação diferente de seu comportamento. A ausência de qualquer dialética possível é impressionante.

Uma fratura, ocasionada por uma queda, leva a um brusco despertar, que dá mais força aos seus atos quando das seguidas visitas das meninas. Ele as rechaça, porque a mais velha diz insultos a respeito de sua mulher. As crianças, pouco depois, falam com seus pais, o que lhe rende uma detenção, seguida de um exame por violação a menores de 15 anos.

Curiosamente, Christophe não é encarcerado por muito tempo, sendo mantido sob controle judiciário semanal em um outro departamento durante o tempo de instrução de seu processo. Ele, então, aconselhado por seu advogado, vem ao meu consultório regularmente. As sessões, face a face, levam-no a reconstituir sua história e, depois, a construir e nomear o terceiro período de sua vida, o câncer, que não é manifestamente um progresso.

o câncer

Após nomear a etapa de seu pai como a peste e da sogra como a cólera, o câncer se refere à última etapa do dispositivo jurídico que o captura e é tomado por ele como um conjunto de forças opressoras e torturantes.

A angústia e as idéias suicidas, que sempre tinham sido muito fortes, amplificam-se com o processo judicial. A espera dura três anos e leva-me a tomar uma atitude de apoio, sem que lhe dissimulasse a verdade: ele corria o risco, desde que a promotoria o enviasse ao júri popular, de pegar de dez a vinte anos de cadeia, haja vista um momento em que as marcas do caso Dutroux[1] não permitiam esperar a menor clemência.

O novo dispositivo do "câncer" reorganiza e restabelece a ordem do mundo. Toda satisfação sexual parece descartada

[1] Julgamento do assassinato de duas raparigas na Bélgica, depois de seqüestro prolongado e de sua violação. Marcou profundamente a opinião pública na Europa no início dos anos 1990, ocasionando grande incremento da repressão.

e ele vive amigavelmente com sua mulher, a quem escreve poemas de amor que muito a emocionam. O casal, obrigado a deixar a vila em decorrência do fim de todas as suas economias, destinadas ao pagamento das despesas com o advogado, vive de maneira pobre em um quarto e sala durante esses três anos. Encorajado à escrita pelo tratamento, embora não escrevesse desde seu primeiro noivado, e dando provas de verdadeiro talento artístico, ele redige uma ficção autobiográfica sobre sua família e sobre si mesmo, e a chama de *Os feridos pela vida*. Esses escritos contribuem para que ele reconquiste a afeição de parte de suas relações. Uma de suas antigas vizinhas, confidente que o escutava narrar a perseguição de sua sogra, edita os originais em seu computador. Várias dessas pessoas lhe enviam cartas de apoio e se dispõem a testemunhar a seu favor, ouvindo-se de sua irmã o seguinte: "O psiquiatra está fazendo de você um outro homem".

Durante esse trabalho, Christophe compreende – ao fim de dois anos – que tinha necessidade de sofrer para escrever: quando não podia captar o sofrimento do Outro, "tomá-lo" ou "guardá-lo em si", ele o chamava, pois isso lhe era necessário. Sem um Outro que o fizesse sofrer, Christophe experimentava uma aflição que o confinava no sentimento de estar morto, como ocorrera durante a articulação dos períodos da cólera e do câncer: ele, então, caminhava três quilômetros para vir ao meu consultório, apesar de sua artrose.

Eu sempre sabia quando era ele quem entrava; sua maneira de tocar a campainha, forte e prolongada, mas também o grito de sofrimento que dava, mas não ouvia, ao se sentar: "Nossa! Aí está o porquinho que alguém degola", frase de sua infância, vinha-me então à cabeça. "O que está feito está feito", ele me dizia, "eu entregarei com prazer meu corpo para ser cortado em pedaços; se quiserem, eu me dou inteiro".

Um sonho relatado no curso de suas sessões dá um apanhado de sua estrutura subjetiva. Nesse sonho, seu pai e os vizinhos tinham decidido matar o porco e dividi-lo. Ele se encontra no cômodo em que está a máquina de fazer lingüiça. Seu pai roda a manivela, e ele e sua mãe colocam a massa de carne de porco, a fim de encher as tripas. Ele deve segurar as tripas na saída da máquina, para enchê-las. Depois de algum tempo, ele percebe que a lingüiça está comprida e a coloca ao longo da coxa de sua mãe, sob sua saia. Ele dá um grito de horror e larga as lingüiças na embocadura da máquina. Seu pai percebe, agarra-o pela nuca e mergulha sua cabeça na massa.

O estilo de vida de Christophe tem contornos que, à primeira vista, poderíamos qualificar como masoquistas, mas que relação isso mantém com seu masoquismo? Este não se parece nem com um roteiro, nem com uma ficção que satisfaça uma pulsão erótica. Mais do que isso, o masoquismo é a chave do mundo do sujeito desde sua juventude. Além disso, não há como evitar o espanto da repetição da violação que ele traz ao ato no mesmo modelo daquele que sofreu quando criança, com sua mãe e suas irmãs. De sua parte, não houve, em momento algum, a mínima sombra de um questionamento da perspectiva em que sua história se inscrevia, descrita por ele com uma precisão que, por si só, gerava uma convicção inquebrantável.

Em vez de instaurar uma lei simbólica e pacificadora, a relação com seu pai estabeleceu uma série regular de perseguições, às quais Christophe se submeteu em total silêncio. Quando sua sogra morre, ele experimenta um verdadeiro abandono e a sensação de estar morto. Mesmo a interpretação do estupro das meninas se construiu como conseqüência de uma perseguição: elas o levaram a isso contra sua vontade; ele não podia resistir à vontade delas; e estava convencido de ter bebido, alguns meses antes, na casa dos pais delas, um "pastis"[2] envenenado. Esses elementos nos conduziram ao estabelecimento do diagnóstico de paranóia.

[2] Uma bebida aperitiva alcoólica com fundo de anis, comum no Sul da França. Metaforicamente, alude a uma mistura de palavras enganosas ou a uma traição.

Christophe estava bem consciente de que sua construção não era digna de nenhum crédito na corte penal, mas sua obstinação em dizer o que ele chamava de "verdade" excluía toda modulação dialética de seu discurso. Conhecendo a severidade da pena que o esperava e, certo de que sua condenação privaria sua mulher de sua casa, Christophe se suicidou três dias após ter recebido a notificação da data de seu processo.

O especialista que realizou a perícia, possuidor da experiência necessária, não observou qualquer anomalia; os antecedentes psiquiátricos não foram notados e ele, apesar de um longo interrogatório, não identificou nenhum delírio. Podemos nos referir aqui, com as palavras de Michel Foucault de *Os anormais*, um de seus cursos no Collège de France, a uma verdadeira ruptura epistemológica da perícia psiquiátrica criminal. Uma análise clínica mais acurada permitiria estabelecer a dimensão paranóica das perturbações e destacar a irresponsabilidade existente no caso. Esse acompanhamento teria podido acionar os dispositivos de sobrevivência que esse paciente apresentaria, e que retomaremos adiante. O acompanhamento psicoterapêu-

tico em combinação com o desenrolar dos processos penais não poderia obter resultados. O paciente era incapaz de reconhecer a existência de uma patologia, já que a perícia psiquiátrica explicava que ele estava em perfeitas condições de saúde.

suicídio de Christophe: ato ou passagem ao ato?

O suicídio ocorreu três dias após a entrega da intimação judicial. Christophe tinha dito várias vezes que não iria a julgamento e, por isso, evocara o suicídio. O recurso à hospitalização não era possível, pois não se tratava de uma proteção de alguns dias – quais dias escolher quando um dispositivo suicida é permanente? Christophe recusava qualquer tratamento e teria sido necessário organizar uma internação, mas mesmo se esta fosse realizada, teria sido rapidamente suspensa, pois a apreciação da perícia não teria sido questionada. Por que esse sujeito, perseguido desde sempre, não podia suportar o comparecimento diante da Corte, já que, enfim, a perseguição que ele havia nomeado o câncer fazia parte de sua maneira íntima de ser?

Arrisquemos um esboço de resposta. Essa perseguição sempre tinha sido um caso relativamente íntimo, enquanto suas relações sociais permaneciam preservadas. A vida de Christophe pendia entre dois pólos que lhe orientavam. De um lado, o pólo persecutório sobre o qual insistimos; do outro, o pólo, não menos importante, sustentado por seu ideal do eu. Christophe tinha feito desse ideal uma espécie de missão: ele prestava múltiplos serviços aos outros e se via como um homem santo. Assim, acreditava ser visto por seus vizinhos, seus amigos e sua esposa.

Nesses termos, o processo penal quebraria a relação com o ideal do eu, pois implicava a ruptura efetiva do tecido de relações permitidas por esse ideal. Mais ainda, implicava conseqüências catastróficas para aqueles que lhe eram próximos, entre as quais o desenlace público desonroso de sua história familiar e duras sanções financeiras que levariam à venda da casa comprada com sua esposa para suas aposentadorias.

Não era possível suportar a ferida narcísica em sua relação com o ideal do eu, que revirava, de forma definitiva, seu frágil equilíbrio entre os dois pólos de sua existência. Com efeito, a consideração de seu passado mostra que é a ruptura do primeiro desses pólos que desencadeia as passagens ao ato de cunho sexual, após a morte da sogra perseguidora. Primeiro, o sujeito experimenta uma sensação de morte; depois, passa ao ato com as meninas.

A ordem persecutória, portanto, se restabeleceria pelo processo judiciário e, por isso, o sujeito terá respondido à ruptura do segundo pólo pela passagem ao ato suicida. Assim, tenta preservar o pólo de idealização ocupado sucessivamente por sua mãe e sua esposa.

Mas por que a ruptura de um desses dois pólos é tão perigosa em sujeitos dotados de uma estrutura paranóica? Lacan propõe uma explicação para isso em seu estudo do caso Schreber.[3] Em razão da foraclusão do Nome-do-Pai, esses dois pólos são os únicos pilares sobre os quais o sujeito pode construir uma realidade suportável. A linha de tensão entre eles desenha uma espécie de proteção. No caso de desmantelamento dessa linha, o sujeito é confrontado com uma sensação intolerável e atroz, que Schreber, como muitos psicóticos, descreve como o sentimento de estar morto ou a impressão de um crepúsculo do mundo, ocasionado pela perda de referenciais. Sem dispor do apoio simbólico sobre o Nome/Não-do-Pai, ele não pôde criar um sintoma, como na neurose. As soluções existenciais são outras: eclosão de um delírio, como em Schereber, passagens ao ato suicida ou criminal, e, em casos raros, recorrência à criação, modo pelo qual Lacan conceituou a criação artística de James Joyce: uma solução singular em face dos efeitos de perda do simbólico resultante da foraclusão do Nome-do-Pai[4].

Em Christophe, como vimos, havia um delírio discreto que estruturava a realidade, graças aos laços sociais de caráter relativamente normal. Embora criações artísticas tenham aparecido em seus períodos de crise, não foram suficientes para sustentar o sujeito. Ele não dispunha mais dos recursos subjetivos necessários à construção de um delírio florido, como o do presidente Schreber. Restava a passagem ao ato, que ele pôs em funcionamento quase automático, quando um ou outro desses dois pólos estruturantes se desestabilizava. Ao se suicidar, Christophe quis sinceramente dar um pouco de tranqüilidade à sua família. Essa situação difere da passagem ao ato, pois Christophe testemunha que pensou neste momento.

Ao me interrogar sobre esse suicídio, parece-me claro que Christophe decidiu sobre o ato, apoiando-se sobre um saber, sobre os elementos conscientes ou inconscientes que ele poderia representar e que poderiam representá-lo: o ideal do eu. Creio, portanto, que deve se fazer uma distinção entre os dois tipos de passagem ao ato de Christophe: a que ocorreu com as meninas não se autorizou de nenhum saber, de nenhuma representação mais explícita; na melhor de suas elaborações nos encontros comigo, foi algo da ordem da injunção de um Outro, de um

[3] Lacan. *D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose* (1958/1966, p. 531).

[4] Lacan. *Le Séminaire – livre XXIII: Le sinthome* (1975-1976/2005). Este trabalho é a origem da pesquisa psicanalítica, sempre em curso, acerca das modalidades de suplência na psicose.

imperativo. Tal elaboração da passagem ao ato com as meninas, aliás, demonstra tão-somente o impensado do sujeito, a falta radical do sujeito no momento em que essa passagem ocorre. Por fim, o caso de Christophe demonstra também que o sujeito, mesmo se é um psicótico, pode produzir no suicídio um ato bastante diferente de suas passagens ao ato anteriores.

TRADUÇÃO
Ângela Mucida

referências bibliográficas

LACAN, Jacques. (1958). D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose. In: *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire – livre XXIII: Le sinthome* (1975-1976). Paris: Seuil, 2005.

resum-o

Trata-se do caso de um sujeito psicótico que comete sucessivamente dois tipos de ato: atos criminosos e, então, o suicídio. O estudo clínico versa sobre a distinção introduzida pela psicanálise entre a passagem ao ato, ou seja, a atividade criminosa, e o suicídio.

palavras-chave

suicídio, passagem ao ato, ato, crime sexual, psicose

abstract

This is some clinical work. A psychotic patient is successively involved in two different types of acting: criminal actions first, and then suicide. This clinical example points out at the psychoanalytical discrimination between Lacan's "passage à l'acte", his criminal acting, and his suicide-as-act.

key words

suicide, passage to act, act, sexual crime, psychosis

recebido
20/08/2006

aprovado
10/10/2006